

# O AVESSE DO AVESSE: UMA BREVE ANÁLISE FUTURISTA DO UNIVERSO TRANS

THE INSIDE OUT: A BRIEF FUTURISTIC  
ANALYSIS OF THE TRANS UNIVERSE

Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços/  
Tuas oficinas de florestas, teus desses da chuva...  
(Caetano, “Sampa”)

DANIELA DUARTE<sup>1</sup>  
MÁRCIO TÚLIO VIANA<sup>2</sup>

## RESUMO

Ao longo dos tempos, pessoas transgêneras têm sofrido as mais cruéis discriminações – e raras vezes, até recentemente, tinham possibilidades reais de resistência. Na pós modernidade, porém, não só começam a sair à luz do dia, como a assumir protagonismos. O mais importante é que têm exemplos a dar e coisas a ensinar, inclusive nos campos do trabalho e do Direito. É essa a hipótese da presente pesquisa, que – embora breve – desliza da mitologia grega a relatos do mundo real, valendo-se de autores das mais diversas áreas do conhecimento.

**Palavras-chave:** trans; transgênero; direito do trabalho; discriminação; pós modernidade.

## ABSTRACT

*Over time, transgender people have suffered the most cruel discrimination – and rarely, until recently, did they have real possibilities of resistance. In post-modernity, however, they not only start to come out into the light of day, but to assume prominence. The most important thing, however, is that they have examples to give and things to teach, including in the fields of labor and law. This is the hypothesis of this research, which – although brief – slides from Greek mythology to reports from the real world, drawing on authors from the most diverse areas of knowledge.*

**Keywords:** trans; transgender; labor law; discrimination; post modernity.

- 1 Doutoranda em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG. Mestre em Direito Privado pela PUC/MG. Graduada em Direito pela Fundação Universidade de Itaúna (2003). Pós-Graduada em Direito Administrativo pela Universidade de Itaúna. Pós-Graduada em Direito Previdenciário pela Universidade de Itaúna. MBA em Direito do Trabalho da Fundação Getúlio Vargas. Procuradora do Conselho Regional de Farmácia de Minas Gerais. LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/0727932073846462>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1874-6970>.
- 2 Possui graduação em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (1972) e doutorado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (1994). É Pós-Doutor junto à Universidade de Roma I La Sapienza e à Universidade de Roma II Tor Vergata. Foi Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais e é Professor Adjunto IV da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Aposentou-se como desembargador do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região. LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/2870731771108446>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5134-2014>.

### Como citar esse artigo:/How to cite this article:

DUARTE, Daniela; VIANA, Márcio Túlio. O avesso do avesso: uma breve análise futurista do universo trans. *Revista Meritum*, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 120-132, 2022. DOI: <https://doi.org/10.46560/meritum.v17i3.8976>.

## 1. NOTAS INTRODUTÓRIAS

Como é de conhecimento geral, a mitologia grega é carregada de símbolos, vários deles até hoje discutidos; e algumas de suas narrativas transbordaram da academia para o domínio público. Em escolas infantis europeias, as crianças costumam escutá-las, contadas pelos mestres, ao lado dos tradicionais contos de fada.

Numa dessas narrativas, Apolo, ao ver Cupido com apetrechos de guerra, quis mostrar o seu poder, e o repreendeu. Humilhado com a ofensa, Cupido preparou duas flechas. Uma, com ponta de ouro. Era a flecha do amor. A outra, com ponta de chumbo. Era a seta do horror.

Com a primeira, alvejou Apolo. Com a outra, feriu Dafne, a mais bela das ninfas. A partir de então, Apolo se pôs a persegui-la, como um louco, enquanto Dafne - desesperada - fugia.

Um dia, vendo que Apolo a alcançaria, Dafne pediu ajuda ao pai, o Deus Rio. E ele a transformou numa árvore – o loureiro. Já agora, o seu corpo era um tronco; os seus braços, os galhos; os seus cabelos, as folhas.

Apolo não se curou. Continuou louco de amor para sempre. Daí em diante, passou a usar as folhas do loureiro para enfeitar a sua cabeça – como depois fizeram os vencedores dos jogos e os césores de Roma.

Essa cena, que inspirou grandes obras de arte, já nos mostra que tudo se movimenta, e não só à nossa volta, mas até dentro de nós.

Quinhentos anos antes de Cristo, Heráclito já percebia que ninguém consegue se banhar duas vezes nas mesmas águas de um rio. Mais de mil anos depois, Lavoisier revelava que “na natureza nada se perde, nada se cria; tudo se transforma”.

Pois bem. *Trans*, prefixo que vem do Latim, tem o sentido de fluidez, mudança. Nos dicionários, costuma ser traduzido como “através de” ou “para além de” (MACHADO, 1959, p. 2101). Daí palavras como “transporte”, “translúcido”, “transcendente”, “transdisciplinar” e “transformação”. Na linguagem corrente, *trans* também derivou para *tra*. E temos então “traslado”, “travessia”, e mesmo “tradução”. Mais uma vez, movimento, alteração.

É verdade que o fenômeno do movimento sempre existiu, nos mais variados aspectos; e sobre isso falaremos adiante. Mas nunca adquiriu tanta importância como hoje.

Mesmo no campo do Direito – produzido, tradicionalmente, com vocação para durar – as leis se sucedem com rapidez crescente, como que replicando os próprios produtos que a tecnologia nos oferece.

Até os princípios jurídicos se enfraquecem, perdendo um pouco um pouco de uma de suas características: a de atestar, de forma estável, a autonomia deste ou daquele ramo do ordenamento.

Aliás, no caso específico do Direito do Trabalho, é o seu princípio basilar – o da proteção – que se desgasta, a ponto de começar a ser lido ao contrário – sob o argumento de que quanto mais se proteger o trabalhador, maior será o desemprego.

Este pequeno estudo pretende mostrar como as pessoas *trans* estão em sintonia com um mundo também assim, e como têm coisas importantes a contar. O objetivo geral – sem negar, é claro, o aspecto da discriminação - é o de acenar com novas possibilidades para o futuro.

Para tanto, o texto se vale de autores de diferentes áreas do pensamento, da História à Sociologia, da Teologia ao Direito. Divide-se em três partes, além da introdução e da conclusão. Sinteticamente, aborda passado, presente e futuro.

Pedimos licença às pessoas *trans* para tratar de um tema que não experimentamos na vida concreta, e esperamos que nos desculpem por eventuais falhas de percepção. E estamos prontos a escutá-las.

## 2. UM BREVE OLHAR PARA O PASSADO

Naturalmente, como sabemos, não é de hoje que tudo se movimenta – e se transforma. Desde o *Big Bang*, todo o universo é assim. Não satisfeito em girar em torno do Sol, o nosso planeta dá voltas sobre si mesmo. Com os átomos, não é diferente. E o nosso corpo nasce, envelhece e morre. Como lembra uma velha canção da roça<sup>3</sup>,

*Poeira entra em meus olhos  
Não fico zangado não  
Pois sei que quando eu morrer  
Meu corpo irá para o chão.  
Se transformar em poeira  
Poeira vermelha  
Poeira...  
Poeira do meu sertão.*

Ainda assim, o movimento sempre conviveu com o seu oposto; o novo segue viagem com o velho, a mudança com a tradição.

No alvorecer da espécie humana, essa dualidade já estava presente. Assim, por exemplo, presume-se que os grupos se movessem pouco; não sabiam ainda plantar, nem tinham armas de caça, e eram as grutas – seguras, permanentes - que os protegiam da chuva, do frio e dos animais ferozes (NOUGIER, 1962, p. 12).

Quando inventaram a lança, o machado, e mais tarde o arco e a flecha – as mesmas armas de Cupido – os homens adultos saíram em busca de carnes, em longas jornadas, enquanto os velhos, as crianças e as mulheres provavam frutos e raízes, em volta de suas rústicas moradas.

Mais tarde ainda, foram essas mesmas mulheres, supostamente, que descobriram os mistérios da terra; de tanto catar isso ou aquilo, junto com os velhos e as crianças, perceberam que a semente provocava uma árvore, como uma espécie de magia (NOUGIER, 1962, p. 12). E assim talvez tenham também entendido, por analogia, a magia de seu próprio ventre.

A partir de então, muitos grupos se fixaram na terra, assim como as árvores que iam plantando. No entanto, outros continuaram nômades. E outros tantos alternaram os dois modos de vida, dependendo das circunstâncias da Natureza.

Nas primeiras civilizações, não foi muito diferente. O dualismo movimento/não movimento continuou.

Cerca de dois mil anos antes de Cristo, o rei Hamurabi escreveu, num bloco rígido de pedra, as normas que iriam reger a vida - já cambiante - de sua Babilônia. No Egito, para construir as pirâmides - expressão mais clara da permanência - escravos e homens livres, trabalhando em equipes, rolavam enormes troncos, transportando enormes pedras.

Na Roma antiga, ao lado das legiões que avançavam sobre o mundo, a tradição reduzia o ímpeto das mudanças. Em geral, por exemplo, sequer os inventos tinham outra função que não fosse a guerra (KRANZBERG; GIES, 1991). Não era o caso de melhorar - mas de conservar - os modos de produção.

Não por acaso, o Latim se infiltrou nas falas dos dominados - mesclando as tradições alheias com as suas. E quando um romano, naquele tempo, queria se referir a alguma coisa de que gostava muito, costumava dizer: "Isto é antigo para mim" (COULANGES, 2000, p. 183).

Na Idade Média, o servo se plantava na terra, assim como cada mestre ou aprendiz se fixava em seu ofício, repetindo os mesmos gestos e técnicas, de geração em geração. Ainda assim, não raras vezes, explodiam rebeldias (THOMPSON, 2017); e tanto nas artes como nas ciências já despontavam mudanças.

Nos dias de Carnaval, desde vários séculos atrás, o novo já se infiltrava no velho. Antecipando o futuro, e realizando os sonhos das gentes, plebeus vestidos de nobres invertiam as hierarquias; e até o rei do país decaía de sua origem divina, podendo se tornar, por exemplo, um simples *rei das galinhas* (LEGUAY, 2012, p. 473).

Quando chegou às Américas - séculos depois dos vikings - Colombo já conhecia a bússola, o astrolábio e a luneta, sinais dos novos tempos; mas para os seus homens, e mesmo para alguns clérigos, os mares eram ainda repletos de monstros, sereias e abismos, resquícios dos tempos passados.

Ao ver os indígenas na praia, Colombo os descreveu como pessoas boas, "de bons narizes"; talvez fosse ali o Paraíso, onde todos viveriam em paz, sem precisar se mover, tão logo Cristo voltasse.<sup>4</sup> Com o tempo, porém, incertezas sobre o juízo final e interesses da conquista transformaram os indígenas - no olhar de muitos - em servos de Satanás; e uma das provas era exatamente o seu nomadismo, o seu ir e vir, tal como acontecia com os diabos e os ciganos (TODOROV, 2011).

Foi também naquela época, em pleno Renascimento, que Galileu teve de negar - de joelhos - a sua ciência, para escapar da Inquisição, que na época queimava as suas bruxas - a maioria, camponesas (FEDERICI, 2017, p. 290). Ao mesmo tempo, mulheres como Cristina de Pizan já começavam a se rebelar, com argumentos como este:

Deus teve em seu eterno pensamento a ideia do homem e da mulher. Quando quis trazer Adão à terra (...) o deixou dormindo e formou o corpo da mulher com uma de suas costelas, para significar que ela devia permanecer a seu lado, como sua companheira e não estar a seus

4 "Estou convencido de que aqui é o Paraíso terrestre, onde ninguém pode chegar se não for pela vontade divina" - escreveu aos reis da Espanha. Segundo TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 22.

pés como uma escrava e que ele haveria de amá-la como sua própria carne.<sup>5</sup> Com o Iluminismo, percebemos que a razão nos permitiria construir as nossas vidas e o próprio mundo. E assim, pouco a pouco, as transformações ganharam força sobre a tradição. As revoluções seguintes - na política, no comércio, no Direito e sobretudo nas relações de produção - potencializaram esse processo.

Já no início do século XX, jovens pintores trocavam as técnicas antigas - que exigiam um trabalho paciente, demorado, no ateliê, quase sempre tentando repetir a realidade - por pinceladas rápidas, às vezes toscas, e cada vez mais livres, sobre temas variados do cotidiano, na tentativa de captar a sua essência na fração de cada instante (GOMPERTZ, 2012, p. 29-79).

Mesmo o modo de ver a arte se modificava. E assim várias escolas se sucederam, cada qual com a sua proposta, às vezes em forma de manifesto. Até os modos de cantar, tocar e compor se fizeram mais rápidos. E não foi diferente com os nossos modos de falar e mesmo de pensar (ROSA, 2019). Verdades atropelando verdades, como que mimetizando a sucessão de objetos que a fábrica ia inventando.

Desde o fim dos anos 60 do século passado, um curioso exemplo entre o estático e o dinâmico pode ser visto na Paxton Small Dance - uma vertente da “dança contato improvisação”, em que o artista inibe todos os seus movimentos externos, para se concentrar nos internos, que transitam silenciosamente por seu corpo (MANHEIMER, 1977).

### 3. UM BREVE OLHAR SOBRE O PRESENTE

Hoje, tudo se move cada vez mais velozmente. Aperfeiçoamos a arte de fazer várias coisas - ao mesmo tempo (MANHEIMER, 1977); a aceitar mais facilmente o que antes recusávamos; e a escolha de “pós verdade” como a “palavra do ano”, pela Universidade de Oxford, é apenas um dos muitos sinais de que já não há um porto seguro.

Naturalmente, pelo menos na Física Clássica, tem ainda valor a Terceira Lei de Newton - segundo a qual toda ação gera uma reação em sentido contrário. Por isso, ao lado das tendências que exigem o veloz e o novo, ainda há outras - embora menos fortes - que insistem no estável, no não movimento, no eterno.

São exemplos a busca - também intensa - pela prática da yoga, pela vida no campo e por tudo o que lembra o *natural*, pois no inconsciente coletivo a aceleração parece estar ligada à ciência, à tecnologia, ao consumismo, ao artificial. Mas embora essas formas de resistência tenham crescido com a pandemia, dificilmente terão força para reduzir o ritmo da aceleração. Aliás, acelerar é também uma exigência do capital, que assim potencializa os seus ganhos (MANHEIMER, 1977).

Por outro lado, vivemos um mundo que já não confia tanto no *depois* - e por isso prefere viver desde logo os seus prazeres, ao invés de remetê-los para o futuro. Nas novas seitas - que hoje proliferam - até em pregações de pastores se percebe facilmente esse deslizamento do céu para a terra, do futuro para o agora. E essa tendência, paradoxalmente, não só impele

5 TUDOR BRASIL. **Cristina de Pisano e o feminismo antes do feminismo**. Disponível em: <https://tudorbrasil.com/2015/11/16/cristina-de-pisano-e-o-feminismo-antes-do-feminismo-parte-ii-final/>. Acesso em: 27 out. 2021.

alguns para a busca do *natural*, como induz muitos outros à compra – às vezes, obsessiva - de objetos e sensações no mercado de consumo.

Mas os novos tempos não se limitam a se mover mais depressa. Eles potencializam misturas, interações.

Também aqui, é claro, não se trata de uma novidade completa; em certo grau, sempre vivemos misturados e misturando.

O próprio Direito do Trabalho, mesmo em sua versão clássica, e ainda que tenha rompido, em boa parte, com a lógica dos contratos, trouxe aspectos fundamentais do Direito Civil.

Além disso, o nosso corpo é poroso. Tudo nos afeta – desde a brisa que sopra em nossos cabelos até o canto de um passarinho que nem notamos que cantou

De todo modo, a globalização parece acentuar esse processo – como veremos melhor a seguir.

#### 4. UM BREVE OLHAR PARA O FUTURO

Até há pouco, o contraponto ao próprio processo de “destruição criativa” era uma tendência de homogeneizar. Das casas populares ao carro preto de Ford, buscava-se – na medida do possível – apagar o diferente para se encontrar o igual. Não por acaso, a fábrica inventou o uniforme.

Hoje, é claro que também classificamos, enquadrados, separamos, pois assim também podemos, mais facilmente, dar sentido ao mundo e às nossas vidas (VIGNAUX, 1999, p. 7, 33, 34). É o que faz também o Direito do Trabalho, que centra na subordinação o elemento principal que caracteriza a relação de emprego – e deste modo limita o seu próprio universo de sujeitos protegidos.

Mas a tendência maior parece ser a de mesclar, confundir. As fronteiras se enfraquecem, as barreiras se diluem.

Na verdade, em todas ou quase todas as dimensões da vida, há uma forte tendência *trans*. Mais do que nunca, tudo *transita*, assim como se penetra. Onde havia choque, ou onde a mistura não era tão forte, predominam o contágio, a confusão – inclusive no sentido que o Direito dá a esta última palavra.

No Direito do Trabalho, essa tendência facilitou a entrada recente de elementos do Direito Civil, como no caso do combate aos assédios e discriminações. E também aplainou o caminho do legislador da reforma, quando decidiu excluir do art. 8º da CLT o requisito da compatibilidade, antes exigido, expressamente, para que normas de outros ramos jurídicos pudessem ingressar na ordem trabalhista.<sup>6</sup>

E nas outras esferas da vida não é diferente.

6 Naturalmente, sempre se pode argumentar que esse requisito era dispensável, já que implícito, e hoje, por isso mesmo, continua a existir.

No restaurante, já é possível comer pedaços de várias partes do mundo, ou até mesmo, se preferirmos assim, pedir bife com chocolate. Em filmes como “Encantada”, personagens de desenho animado contracenam com gente de verdade. Na música, o samba dialoga com o *rock*, que se mistura com o *funk*, ou com acordes de Mozart.

Na moda, praticamente todos os estilos são possíveis. Na arquitetura, estilos do passado convivem com elementos e composições surpreendentes.<sup>7</sup> Na academia, o Direito já convive diariamente com a História, a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia e às vezes até com a Física.

Do mesmo modo, nos museus a céu aberto, as *instalações* convidam o público a participar das obras, que por sua vez podem mesclar pintura e escultura, desenho e fotografia. No plano econômico, diminuem as barreiras comerciais e aumentam as influências recíprocas.

Várias daquelas palavras formadas com o prefixo *trans* assumem hoje uma dimensão nunca vista. De *transporte* a *transdisciplinar*, de *travessia* a *trajeto*, tudo aponta para um ritmo cada vez mais intenso de mudanças e interações. Mas a diferença com os tempos passados não parece ser apenas quantitativa; é como se tivéssemos incorporado, de uma vez por todas, a natureza do *Transformer* – o personagem criado pela Hasbro.

Nesse sentido, a pessoa *trans* também se transforma: sai das sombras, onde mal era vista - e era quase sempre mal vista - , para assumir, pouco a pouco, um protagonismo inédito. Talvez por isso, ao lado de apoios e simpatias de alguns, recebe os efeitos daquela mesma Lei de Newton, sofrendo ataques furiosos de outros. Até o índice de assassinatos aumenta<sup>8</sup>.

Como, hoje, o choque entre as culturas e os seus valores é muito mais forte – tanto no espaço como no tempo - os juízes são chamados, com mais frequência, para decidir questões sensíveis. Nesses casos, tanto podem passar mensagens à sociedade – os chamados *obiter dicta* (BUSTAMANTE, 2018) – como provocar respostas violentas.

No último caso se enquadra o chamado efeito *backlash*. Trata-se de uma “intensa e duradoura desaprovação social de uma decisão do Judiciário, acompanhada de medidas agressivas para resistir a esta decisão e remover sua força jurídica” (SUNSTEIN apud FONTELES, 2018, p. 102).

Assim, por exemplo, há estudos que indicam “uma possível correlação entre estados norte-americanos que reconheceram o casamento gay e o aumento no índice de violência contra a população LGBT” (FONTELES, 2018, p. 20), exatamente em razão daquele efeito

Assim como, em tempos antigos, as mulheres lideraram motins contra o preço do pão (THOMPSON, 2017); passaram depois a lutar pelo voto, pelo biquíni ou pela pílula; há décadas questionam sua dupla jornada e o seu salário menor; e hoje estão na linha de frente em tantos *coletivos* e movimentos sociais, as pessoas *trans* vão se afirmando como personagens importantes desse mundo que lhes pertence – e do qual são também verdadeira metáfora.

Para isso, junto com as próprias mulheres, os *gays* e outros tantos grupos sociais, procuram se mostrar com uma marca, um nome; no fundo, porém, o que parecem querer é exatamente o contrário. Querem sumir na multidão, mas não como antes, escondidas, e sim

7 A propósito. Cf. HARVEY, David. **Condição pós moderna**. São Paulo: Loyola, 2016.

8 SODRÉ, Lu. “Assassinados de pessoas *trans* aumentaram 41% em 2020”. **Brasil de Fato**, 29 jan. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br>. Acesso em: 11 out. 2021. Os dados são da Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA. Em 2020, foram assassinadas 175 pessoas *trans*.

respeitadas, reconhecidas, como qualquer outra pessoa. Querem simplesmente ser vistas como gente que são.

Nesse sentido, numa pesquisa de campo sobre travestis, Olivia Paixão conclui que elas nem mesmo procuram ser mulheres, ou ser vistas assim. Embora usem meios artificiais para se modelar em formas femininas, “de modo paradoxal o que anseiam é a naturalidade” (PAIXÃO, 2018, p. 54). Algo semelhante pode acontecer no universo *trans*.

E como lutaram tanto para chegar onde estão, podem ter mais a ensinar que as pessoas *não trans*. Afinal, são elas – ou eles - que realmente estão em perfeita sintonia com um mundo também *trans*, e assim podem entender melhor as outras misturas, adaptar-se melhor às transformações e nos oferecer exemplos de resistência coletiva.

Boff nos ensina como o *jeitinho brasileiro*, em geral tão criticado, esconde uma grande sabedoria, especialmente num tempo em que tudo se mexe e globaliza:

O *jeitinho* é a forma sábia e pacífica de combinar os interesses pessoais com a rigidez da norma; é o modo de contrabalancear a correlação desigual de forças, tirando vantagens da fraqueza; é a maneira de conciliar todos os interesses sem que ninguém saia prejudicado (BOFF, 2000, p. 114-115).

Analogamente, é o que se pode dizer do modo *trans*, das pessoas *trans*. Acostumadas, por tanto tempo, a ser maltratadas apenas por serem diferentes, é provável que tenham desenvolvido sabedorias ocultas – até mesmo para sobreviver. E como nos remetem, indiretamente, a tudo que se move, vão ganhando cada vez mais força e reconhecimento.

Nesse sentido, já começam a assumir papéis inéditos, com um potencial mais forte que o das pessoas *não trans*, ou não tão discriminadas. Se de um lado sofrem violências até maiores, de outro, como se disse, conquistam adesões. Por isso, se antes, tantas vezes, procuravam a noite, hoje se mostram à luz do dia – tanto em sentido metafórico quanto no plano real. E essa tendência parece ser a mais forte, especialmente em termos de futuro<sup>9</sup>.

Vejamos, então, alguns exemplos de protagonismo.

## 5. ALGUNS EXEMPLOS *TRANS*<sup>10</sup>

Marsha P. Johnson, travesti, negra, *drag queen*, foi um dos ícones do movimento por direitos para a comunidade LGBTQIA+, nos Estados Unidos dos anos 60. Participou efetivamente da primeira parada do *Orgulho Gay* estadunidense, uma resposta à revolta de Stonewall.

Ao lado de sua amiga Sylvia Rivera, Marsha oferecia abrigo a outras meninas e meninos *trans* e travestis que viviam nas ruas, além de participar efetivamente de protestos e lutas pelo movimento LGBTQIA+. O filme “A morte e vida de Marsha P. Johnson” conta a história da

9 Os autores adotam o entendimento do Supremo Tribunal Federal do Brasil, segundo o qual não há necessidade de cirurgia ou mudanças corporais para que uma pessoa seja identificada como *trans*, pois trata-se de uma questão identitária.

10 É importante ressaltar que os termos “travesti e mulher trans” formalmente ou conceitualmente não se confundem, mas, na realidade, referem-se a sujeitos que passam pelo mesmo processo de marginalização, de *assujeitamento*, de invisibilidade, pelas mesmas formas de violências físicas e verbais, tendo em vista que a sociedade considera que seus corpos ferem a ordem normativa vigente. (DUARTE, Daniela Miranda. **Toda vida importa**: uma análise antropológica, sociológica e jurídica sobre os trabalhadores transexuais. Belo Horizonte, 2020. 131 f. p. 29)

misteriosa morte da ativista, que a polícia local entendeu com suicídio, versão que os amigos contestam.<sup>11</sup>

No Brasil, importantes mulheres *trans* e travestis têm assumido postos de liderança e ativismo na luta por direitos iguais entre pessoas *trans* e não *trans*, buscando se misturar na multidão que caminha pela cidade anonimamente.

Já existe uma Associação Nacional de Travestis e Transexuais – símbolo mais explícito da conquista de uma visibilidade crescente. Keila Simpon, travesti, presidenta da Associação, e residente em Salvador, é uma das precursoras do movimento político LGBTQIA+.

Condecorada com o Prêmio Direitos Humanos pela ex-presidenta Dilma Rousseff, Keila é um exemplo pessoal de sobrevivência. Já ultrapassou a barreira dos 35 anos de idade, o que pode parecer pouco, mas é a média de vida das pessoas *trans*.<sup>12</sup> Ao lado de sua secretária de Articulação Política, Bruna Benevides, desde 2017 tem elaborado um mapa dos assassinatos de pessoas *trans* no Brasil.

Por sua vez, Bruna Benevides é uma mulher *trans*, feminista, transativista, palestrante, secretária de Articulação Política da Antra, coordenadora do Pré Vestibular Social PreparaNemNiteroi e membra de várias outras entidades que lutam pelos direitos da população LGBTQIA+.<sup>13</sup>

Há 21 anos na carreira militar, Bruna ocupa o posto de sargenta da Marinha do Brasil. Para isso, teve de reverter uma decisão judicial que havia determinado sua reforma compulsória, em razão do “quadro de transexualismo”.<sup>14</sup> De todo modo, ou por isso mesmo, o seu exemplo revela, de forma marcante, o processo de ascensão social do grupo – especialmente se considerarmos o perfil conservador das Forças Armadas.

Superando em muito a expectativa de vida de mulheres *trans* no Brasil - que, segundo a Antra, não passa de 36 anos - Keila, em entrevista recente, diz que “quando a pessoa passa dos 60, os enfrentamentos chegam independentemente do gênero, seja para incluir, respeitar ou atender às especificidades. Quando se pensa em *trans* na terceira idade, já tem (sic) toda uma negação, são as mesmas exclusões agravadas ao quadrado”.<sup>15</sup>

Outra travesti que ganha notoriedade – e se auto intitula *putafemista* - é Amara Moira, professora e doutora em crítica literária pela Unicamp. Amara é autora do livro “ESeEuFossePutá”, resultado de um *blog* que descrevia sua vida na prostituição.

No livro, a autora e professora relata diversas situações ocorridas durante os *programas*; fala um pouco de seu processo de transição e da vontade de ser desejada pelos homens; e descreve algumas das dificuldades pelas quais passou para concluir a universidade até chegar ao doutorado.

Não bastassem os exemplos de mulheres que estão se tornando protagonistas no mundo não *trans*, nas últimas eleições mais de 294 travestis, mulheres e homens *trans* concorreram a

11 A MORTE e Vida de Marsha P. Johnson. Direção: David France. EUA, 2017.

12 <https://agenciaaids.com.br/noticia/visibilidade-trans-keila-simpson-fala-sobre-como-e-ser-mulher-trans-na-terceira-idade/> Acesso em: 10 out. 2021.

13 <https://br.linkedin.com/in/bruna-benevides-307863195>. Acesso em: 10 out. 2021.

14 <https://agenciaaids.com.br/noticia/visibilidade-trans-bruna-benevides-a-primeira-mulher-trans-na-ativa-da-marinha-brasileira/>. Acesso em: 10 out. 2021.

Lembre-se que o sufixo “ismo” remete em geral a doença

15 <https://agenciaaids.com.br/noticia/visibilidade-trans-keila-simpson-fala-sobre-como-e-ser-mulher-trans-na-terceira-idade/>

cargos de vereadores nas mais diferentes cidades – numa clara expressão de um novo espírito de luta e resistência.

Nas mesmas eleições, entre partidos *à direita* e *à esquerda*, 30 pessoas *trans* foram eleitas, dentre as quais Duda Salabert, vereadora mais votada da história de Belo Horizonte, com mais de 37.000 votos; Thammy Miranda, eleito vereador pelo PL em São Paulo; Lins Roballo, pelo PT em São Borja/São Paulo.

De acordo com a Antra, houve um aumento de 275% de pessoas *trans* eleitas em relação a 2016. Em geral, são pessoas que assumiram publicamente o dever de se posicionar sobre a condição *trans*, lutando por um maior reconhecimento social.<sup>16</sup>

No esporte, apesar da enorme polêmica e discussão que envolve a participação de atletas *trans* em competições oficiais, Tiffany Abreu conquistou notoriedade como a primeira atleta *trans* a jogar na Superliga Feminina de Vôlei.

Antes de jogar no Brasil, Tiffany, que se identificou enquanto mulher *trans* em 2012 e passou por todo o processo de transição, inclusive pela cirurgia de redesignação sexual, integrava uma equipe da segunda divisão do vôlei italiano.<sup>17</sup>

Mais recentemente, Maria Joaquina, uma patinadora *trans* de apenas 13 anos, com o apoio de seus pais adotivos, tem mostrado para o mundo que é possível vencer a transfobia e se colocar no seu espaço de identificação.

O protagonismo *trans* também tem aparecido no cinema. Basta lembrar o sucesso do filme “A Garota Dinamarquesa”, que narra a história (real) da primeira cirurgia de redesignação de que se tem notícia. Nascida em corpo masculino, a pintora Lili Elbe, ainda como Einar Magnus, começa a se relacionar afetivamente com Gerda Wegener, que mesmo amando o pintor Einar Magnus apoia a sua decisão de passar pelo processo, submetendo-se a cirurgia<sup>18</sup>.

Outro filme, “**Elisa e Marcela**”, narra a história de duas moças espanholas que se apaixonam; para viver esse amor, uma delas assume identidade masculina. Descobertas, arcam com as consequências, numa sociedade completamente hostil. Ao final, o amor vence.<sup>19</sup>

Ainda no cenário internacional, o filme “Alice Júnior” retrata a história de uma adolescente que luta e consegue ser aceita em uma escola tradicional, onde ensaia os primeiros passos em sua vida amorosa. Num contexto menos agressivo que o da história anterior, Alice conquista o apoio do pai e dos colegas da escola.<sup>20</sup>

Por fim, impossível não citar a premiada série “Pose”, que descreve a vida de Blanca, uma mulher nas telas e na vida real, e frequentadora de bailes LGBTQIA+, na Nova York da década de 1970 – época em que a AIDS surgia como grande ameaça. Ela acolhe como filhos um dançarino *gay* talentoso e uma trabalhadora do sexo *trans*, apaixonada por um cliente *yuppie*.

16 BENEVIDES, Bruna. **Candidaturas trans foram eleitas em 2020**. Disponível em: <https://antrabrazil.org/noticias/>. Acesso em: 18 out. 2021.

17 <https://www.olimpiadatododia.com.br/volei/247268-o-pioneirismo-de-tiffany-e-o-que-diz-a-ciencia/>

18 “Garota Dinamarquesa”. Filme disponível na Netflix (A Garota Dinamarquesa. David Ebershoff. Direção: Tom Hooper. Produção: Tim Bevan, Eric Fellner, Anne Harrison, Tom Hooper, Gail Mutrux, Linda Reisman. Roteiro: Lucinda Coxon. [Reino Unido, Estados Unidos]. Universal Pictures 2016 (ca. 119min)

19 **Elisa e Marcela**. Filme disponível na Netflix Isabel Coixet. Produção: Mar Targarona, Zaza Ceballos, Joaquin Padró, José Carmona, Ana Figueroa. Roteiro: Isabel Coixet, Narciso De Gabriel [Espanha]. Netflix: 2019 (c a. 118 min). Baseado no livro “**Elisa e Marcela – além dos homens**”, de **Narciso de Gabriel**).

20 Alice Junior. Filme disponível na Netflix. Produção Gil Baroni. Selecionado na 27ª edição do Festival Mix Brasil, em 2019, na categoria “Competitiva Brasil - Longas” 2019 (1h27m).

Além da protagonista, várias das atrizes que trabalham no filme são mulheres *trans*. Billy Porter conquistou o “Emmy” de Melhor Ator de Série Dramática, e a série ganhou o prêmio “AFI”, de Melhor Programa de TV.<sup>21</sup>

## 6. AS PESSOAS *TRANS* E O DIREITO DO TRABALHO

Com base em todos esses dados, ideias e sugestões, é possível inferir que as pessoas *trans*, na medida em que vão ganhando força, podem influir – ou já estão influenciando – de forma positiva no Direito do Trabalho. E em suas duas dimensões.

Na esfera do Direito Individual, para potencializar o combate aos assédios e discriminações. Não custa lembrar, a propósito, que essa preocupação é relativamente recente; há não muito tempo, antes da atual Constituição Federal, entendia-se que a própria indenização por dano moral deveria se restringir a hipóteses previstas na lei, especificamente. Mesmo depois de 1988, pelo menos nos primeiros anos, raros eram os casos em que se discutia essa matéria na órbita trabalhista. O próprio conceito de assédio moral era ignorado.

Com os estudos de Leymann e Hirigoyen sobre o *mobbing*, seguidos de uma primeira decisão do Tribunal de Turim e dos avanços da doutrina e da jurisprudência em vários países do mundo – inclusive no Brasil – as indenizações por dano moral se tornaram comuns no ambiente do trabalho, a ponto de terem sido objeto de normas específicas na CLT (art.223-C).

Naturalmente, nada disso teria sido possível se não fosse, de um lado, uma evolução do pensamento humano em geral; e, de outro, uma forte tendência – componente da própria *pós modernidade* – em valorizar ainda mais a liberdade e a igualdade individuais<sup>22</sup>. Mas a condição *trans* também aparece como uma das causas e um dos efeitos desse processo. Afinal, ela constitui um dos exemplos mais fortes de sofrimento e rebeldia.

Já no plano do Direito Coletivo, o protagonismo crescente da pessoa *trans* assume uma relevância ainda maior. É mais uma forma de pressão no sentido de abrir as portas do sindicato para as pessoas tidas como diferentes e por isso menores. É também uma chamada para que ele se reapresente à sociedade com uma nova imagem, e um novo perfil – horizontal, sem preconceitos e mais democrático.

Lembre-se que, historicamente, o sindicato sempre preferiu homens às mulheres, pelo menos como dirigentes (ROCHA, 2021), e até hoje tem dificuldades de incorporar autônomos, desempregados e militantes de outros movimentos sociais. Numa palavra, não aprendeu ainda a ser *trans*. Mas a tendência é *ir aprendendo*, até mesmo para a sua própria sobrevivência. E isso também significa, como dizíamos, abrir-se para outros grupos, antes ignorados ou rejeitados – um processo que já se iniciou, aqui ou ali, embora timidamente.

Não custa notar a relevância do sindicato para o Direito do Trabalho, como um todo. Desde o início, e ao longo do tempo, tem havido quase uma relação de causa e efeito entre um e outro. É do sindicato, direta ou indiretamente, que brotam as normas de proteção. Desse modo, num

21 Pose. Série. Produtores: Janet Mock, Our Lady J, Lou Eyrich e Erica KAY. Estados Unidos. 2018.

22 Sobre os elementos da pós-modernidade, cf., por todos, HARVEY, David. Condição pós moderna. São Paulo: Loyola, 2016.

contexto – como o de hoje – em que o sindicato entra em crise, não é apenas ele – mas o próprio Direito – quem sofre. Daí a necessidade de que assuma um novo perfil, adote novas estratégias, e não apenas se abra para pessoas *trans*, mas se torne, em certo sentido, o mais possível *trans*.

## 7. CONCLUINDO

Com esse breve texto, tentamos não tanto relembrar o longo processo de violências que vem atingindo, historicamente, as pessoas *trans*, mas discutir um pouco sobre o que elas tem a ensinar, com suas próprias vidas, contribuindo para a reconstrução do mundo, em bases menos injustas.

Esse potencial, se estivermos certos, decorreria basicamente de dois fatores. De um lado, da própria história de sofrimento que vem marcando aquelas vidas. De outro, da sintonia entre o que elas sempre foram e o que a pós modernidade hoje lhes permite e propõe.

O resultado pode servir – ou já tem servido – não só para pressionar o legislador no combate às discriminações, como para inspirar o sindicato a se abrir, voltando a se fortalecer. Neste último aspecto, procuramos realçar a relação de quase causalidade entre a resistência coletiva e as normas de proteção.

Como também notamos, esse é um mundo *trans*, um tempo *trans*. Daí também o novo papel que as pessoas *trans* vão assumindo, em várias dimensões da vida em sociedade, e que explica – sem justificar, é claro - as violentas reações em sentido contrário, produto de sua crescente visibilidade.

Pelo que se percebe, no entanto, a própria afirmação do(a) sujeito(a) *trans* como grupo social diferenciado é circunstancial, ou emergencial; embora importante no presente, não é o esperado no futuro. O que elas ou eles querem é apenas o respeito alheio, tal como qualquer outra pessoa. Assim, paradoxalmente, o protagonismo de hoje persegue o anonimato de amanhã.

De todo modo, antes que conquistem o poder e o direito de se misturar na multidão, as pessoas *trans* vão nos ajudando a ver que o importante não está no jeito de andar, ou de vestir, ou de adotar certo gênero, ou vários gêneros, ou de praticar outro sexo, ou vários sexos, ou de se chamar João ou Maria. O importante não tem nome, nem classe. Está na essência de cada um, e esta essência, se ocupar algum lugar no corpo, talvez esteja no coração.

## REFERÊNCIAS

A MORTE e vida de Marsha P. Johnson. Direção: David France. EUA, 2017.

BENEVIDES, Bruna. **Candidaturas trans foram eleitas em 2020**. Disponível em: <https://antrabrazil.org/noticias/>. Acesso em: 18 out. 2021.

BOFF, Leonardo. **Depois de 500 anos**: que Brasil queremos? Petrópolis: Vozes, 2000.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de ouro da mitologia**. São Paulo: Ediouro, 2002.

BUSTAMANTE, Thomas. *Obiter Dicta* Abusivos: esboço de uma tipologia dos pronunciamentos judiciais ilegítimos. **Revista Direito GV**, v. 14, n. 2, ago. 2018.

- COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DUARTE, Daniela Miranda. **Toda vida importa**: uma análise antropológica, sociológica e jurídica sobre os trabalhadores transexuais. Belo Horizonte, 2020.
- LEGUAY, Jean-Pierre. **Vivre en ville au moyen âge**. Paris: Jean—Paul Gisserot, 2012.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e as bruxas**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- FONTELES, Samuel Sales. **Direito e backlash**. Brasília: IDP, 2018.
- GOMPERTZ, Will. **Isso é arte?** 150 anos de arte moderna, do impressionismo até hoje. São Paulo: Zahar, 2012.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2016.
- KRANZBERG, Melvin; GIES, Joseph. **Breve storia del lavoro**. Milano: Oscar Mondadori, 1991.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1959. v. II.
- MANHEIMER, Ken. **Steve Paxton´s 1977 small dance guidance**. 1977. Disponível em: <https://myriadcity.net/contact-improvisation/contact-improv-as-a-way-of-moving/steve-paxton-s-1977-small-dance-guidance>. Acesso em: 22 out. 2021.
- NOUGIER, Louis-René. La préhistoire. In: PARIAS, Louis-Henri (org.). **Histoire générale du travail**: préhistoire et antiquité. Paris: Nouvelle Librairie de France, 1962. vol. II.
- PAIXÃO, Olivia. **Entre a batalha e o Direito**: prostituição, travestilidade e trabalho. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018.
- ROCHA, Marina Sousa Lima. **Redes sindicais internacionais e o novo internacionalismo operário**: articulações da classe-que-vive-do-trabalho para enfrentar o capitalismo contemporâneo. 2021. Dissertação. Universidade Federal de Ouro Preto, 2021.
- ROSA, Hartmut. **Aceleração**. São Paulo: Unesp, 2019.
- SODRÉ, Lu. “Assassinados de pessoas *trans* aumentaram 41% em 2020”. **Brasil de Fato**, 29 jan. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br>. Acesso em: 11 out. 2021.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- TUDOR BRASIL. **Cristina de Pisano e o feminismo antes do feminismo**. 2015. Disponível em: <https://tudorbrasil.com/2015/11/16/cristina-de-pisano-e-o-feminismo-antes-do-feminismo-parte-ii-final/>. Acesso em: 27 out. 21.
- VIGNAUX, Georges. **Le démon du classement**. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

#### Dados do processo editorial

- Recebido em: 14/03/2022
- Controle preliminar e verificação de plágio: 02/04/2022
- Avaliação 1: 16/06/2022
- Avaliação 2: 07/08/2022
- Decisão editorial preliminar: 07/08/2022
- Retorno rodada de correções: 16/08/2022
- Decisão editorial/aprovado: 21/08/2022

#### Equipe editorial envolvida

- Editor-chefe: 1 (SHZF)
- Editor-assistente: 1 (ASR)
- Revisores: 2